

• Finanças

13 SET 1988

ACERTO EXTERNO

GAZETA MERCANTIL

ONU discute soluções para a dívida

por Celso Pinto
de São Paulo

Uma solução mais consistente para o problema da dívida externa tem de incluir soluções inovadoras que incorporem a concessão de algum desconto sobre o seu valor original.

Esse teria sido um dos pontos de concordância entre os participantes de uma reunião especial convocada pelo secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Javier Pérez de Cuéllar, para discutir a questão da dívida externa. O encontro aconteceu neste último final de semana em Nova York.

Foram convidadas catorze personalidades, que incluíram o diretor-gerente do FMI, o vice-presidente executivo do Banco Mundial, os presidentes dos bancos de desenvolvimento interamericano e africano, o ex-chanceler Helmut Schmitt, da Alemanha, dois ex-ministros da Fazenda (do Brasil e do Kuwait), e três economistas. O único brasileiro convidado foi o ex-ministro Luiz Carlos Bresser Pereira.

BOM PARA OS BANCOS

Conforme a versão disponível sobre o encontro, houve convergência sobre vários pontos. A estratégia convencional fixada para

lidar com o problema da dívida foi eficaz para evitar uma crise financeira internacional e proteger o interesse dos bancos, mas insuficiente para gerar uma alternativa real para os países em desenvolvimento. A transferência de recursos reais embutida nessa estratégia pressupõe retração nos investimentos e estagnação da economia desses países. Além disso, gera pressões inflacionárias e sobre o déficit público em razão do esforço de pagamento dos juros externos.

Teria havido também concordância sobre as limitações da alternativa de contornar essa situação pelo restabelecimento do fluxo de dinheiro novo aos devedores. Essa alternativa seria pouco realista, dado o desinteresse dos bancos.

INSTITUIÇÃO MULTILATERAL

Uma solução mais adequada, que teria sido mencionada nas discussões em Nova York, seria o estabelecimento de uma instituição multilateral, formada pelos países desenvolvidos, que compraria o débito aos bancos, com os descontos hoje existentes no mercado secundário, e negociaria com cada país devedor. Naturalmente, o desconto

seria repassado aos devedores.

Não seria um montante tão grande: o grupo de países mais endividados deve aos bancos privados em empréstimos de médio e longo prazo cerca de US\$ 260 bilhões. Como o desconto, em média, está hoje em cerca de 50%, seria neces-

sário dar garantia para cerca de US\$ 130 bilhões para viabilizar essa operação.

FALTA DE LIDERANÇA

Uma solução desse tipo não tomou forma, até agora, por falta de liderança entre os países desenvolvidos e por falta de pressões adequadas dos países devedores, segundo teria sido

colocado no encontro da ONU. Vários participantes manifestaram preocupação que só uma situação de nova crise possa vir a empurrar as lideranças a examinar novas alternativas.

O diretor-gerente do FMI, Michel Candessus, teria feito uma defesa da eficácia da estratégia seguida

até agora na questão da dívida, mas admitido que a idéia de um organismo multilateral poderia ser uma solução mais adequada. Ficou claro, contudo, que a estratégia continuará sendo a de "empurrar com a barriga" o problema, até que uma nova solução se imponha.